

Michelle Jackson

# UM BEIJO EM HAVANA

Tradução  
José Santos

*Quinta Essência\**

Hawth, Dublin  
Ireland

Dear Reader

Thank you for picking up my novel. When I write a book two things have to be just right - my characters & my setting. Then after months of research, if I am lucky, the plot will unfold.

Havana is a magical city & while I was there, I was whisked away on a tidal wave of beautiful architecture, stunning art & world class musicians & dancers. As I wrote this book it was like I was revisiting & reliving my holiday over & over.

I am always sad to say goodbye at the end of a journey but there is no place like home & that is why my characters always return to Dublin, my hometown.

I hope that you enjoy the sights, sounds & tastes of Cuba that I have put into this story, as much as I did.

with love & Best wishes,

Michelle Jackson

# Prólogo

«O Sol nasce e o Sol põe-se.»

Eclesiastes

3 DE SETEMBRO

Emma acordou quando o primeiro raio de luz espreitou pela abertura das cortinas do quarto. Esfregou as pálpebras e levantou a cabeça com o cabelo preto-azulado da almofada – com cuidado, para não acordar o marido. Procurava superar o bloqueio de escritora, e levantar-se muito cedo era a última das suas tentativas para estabelecer uma nova rotina. Emma era por natureza noctívaga e achava as seis da manhã um começo difícil. Desceu ao escritório, ligou o portátil e aguardou enquanto os ícones surgiam um por um. Esperara toda a vida para escrever o seu primeiro romance – naquele momento começava a interrogar-se se isso era tudo o que tinha para contribuir para o mundo das letras. O marido, Paul, era muito paciente, e dava-lhe todo o apoio e espaço de que necessitava para finalizar o seu segundo romance. Ela continuava a colaborar como jornalista a meio tempo, apenas em revistas e periódicos que lhe interessavam, e tinha bastante disponibilidade para trabalhar no seu romance como lhe aprouvesse. Percebeu que gozava de condições de liberdade com que a maioria dos escritores apenas sonhava.

Organizou a sua pasta de documentos e foi verificar os *e-mails*. Depois escreveu algumas palavras e, quando deu por isso, eram sete e meia e estava na hora de acordar os homens da casa.

Finn ressonava baixinho, mas ela entrou devagar no quarto para verificar se ele dormia profundamente. Ficou a ver o seu peito subir e descer, e sorriu com a satisfação que só uma mãe pode sentir ao assistir ao sono do filho. Ele não seria uma criança por muito mais tempo – já estava na quarta classe.

Confiante em que o filho iria dormir pelo menos mais alguns minutos, foi acordar o marido. Nessa manhã sentia-se desperta e sensual depois de escrever durante quase duas horas. Seria um mimo agradável a meio da semana!

Colocou a mão sobre a testa dele, surpreendentemente fria ao toque. Muito devagar, encostou os lábios à face dele – foi então que percebeu que havia algo de terrivelmente errado.

Louise encontrava-se a cortar a côdea das sandes e a colocar os pequenos quadrados de pão e fiambre em sacos de plástico, tentando lembrar-se como conseguira fazer tudo quando costumava sair de manhã a correr para o trabalho de professora de Música, bem como preparar as crianças para a escola e creche.

Ainda estava de pijama, mas fora o segundo membro da família Scott a levantar-se. Donal já ia a caminho do trabalho – gostava de chegar mais cedo, para poder terminar ao fim da tarde e estar fora da cidade antes da hora de ponta. Durante o verão e início do outono, ele usava esse tempo extra para ir até ao clube de iate e velejar enquanto havia luz.

De repente o telefone de casa tocou, assustando-a – quase nunca tocava de manhã. Quem habitualmente ligava a essa hora eram as outras mães que conhecia através da escola, para com-

binar boleias e datas de jogos, e contactavam-na sempre para o telemóvel. Levantou o auscultador e ouviu a voz da irmã do outro lado da linha.

– Louise! – exclamou Emma. – Ajuda-me... é o Paul... ele não está a respirar!

Sophie passou pela rececionista com um aceno amigável, um copo de café *Starbucks* na mão. Ia ser um ótimo dia – a maioria dos dias era ótima para Sophie. Ao sentar-se à secretária no seu pequeno mas elegante gabinete, abriu a gaveta e tirou um espelho para verificar como estava após a breve caminhada para o trabalho. Os seus caracóis ruivo-acobreados mantinham-se perfeitos e os lábios estavam lustrosos e brilhantes. Clicou no rato do seu *Apple Mac* topo de gama e esperou que os seus *e-mails* surgissem no monitor. Visualizou-os a correr, procurando algum *dele*, e verificou de novo a lista – não querendo acreditar nos seus olhos –, ele enviava-lhe sempre um *e-mail* antes de começar a trabalhar. De repente, o telemóvel tocou e ela procurou freneticamente na mala – ansiosa por ouvir a sua voz.

Mas não era ele.

– Sophie, é a Louise.

Sophie sabia pelo tom da irmã mais velha que algo não estava bem e respirou fundo.

– Sim?

– É o Paul. Estou a caminho do hospital... ele teve um ataque cardíaco.

Sophie sentiu o sangue abandonar-lhe o rosto.

– Oh, meu Deus! É muito grave?

– É grave, Sophie.

– O quê? Ele vai ficar bem... não vai?

– Ele está numa ambulância... estão a tentar reanimá-lo.

– O que queres dizer com isso?

– Acho que ele está morto... ligo-te quando souber mais.

Sophie não foi capaz de responder. O seu estômago contraiu-se com o choque e sentiu-se prestes a vomitar. Fechou os olhos, para não desmaiar. Não podia ser – não o seu amado Paul. Ele era o seu cunhado favorito. Ele era o seu rochedo. Ele era o seu amante.

# 1

20 DE MARÇO

A Páscoa era mais cedo naquele ano e Louise queria estar preparada – da mesma forma que se preparava para todas as festas e feriados. Quando trabalhava, costumava imaginar quão descansada seria a sua vida se não tivesse de ir para a escola todos os dias e ficar em sentido de cada vez que a campainha assinalava o fim de uma aula. Mas ficar em casa não era o mar de rosas que esperara. Desde que desistira de trabalhar, Donal perguntava-lhe regularmente como passara o dia e ela nem sempre era capaz de dar uma resposta satisfatória. A verdade é que muitas vezes dava por si a complicar coisas triviais que antes costumava fazer sem pensar no caminho para o trabalho. Também complicava as coisas, escolhendo a opção mais demorada na execução de uma tarefa. Por exemplo, naquela manhã não precisava de ter ido a Dublin para comprar os ovos da Páscoa.

As portas do comboio abriram-se e Louise sentou-se imediatamente à direita. Pôs os sacos com os ovos de chocolate aos pés – não olhando para o homem de blusão de cabedal sentado em frente. Ele falou primeiro.

– Louise?

Ela olhou para cima, sobressaltada.

– É o Jack! – exclamou o jovem.

Louise ficou de boca aberta. Era ele. O seu cabelo loiro estava acastanhado, mas os olhos azuis translúcidos eram inconfundíveis. Olhou para o nariz perfeitamente esculpido e a suave linha de rosto – não conseguindo responder.

Emma abriu a caixa de correio. A maioria das cartas era dirigida a Paul – nunca se apercebera da quantidade de correio que ele recebia, até ele morrer e ser ela a abrir a correspondência. Grande parte eram contas ou coisas relacionadas com o trabalho – não era complicado lidar com elas, mas quando viu uma carta pessoal de alguém que ainda não sabia da morte repentina, foi-lhe muito difícil.

Todavia, nada do que abrisse até àquele momento iria deixá-la tão traumatizada como o envelope liso e branco que tinha na mão.

Voltou ao corredor e à cozinha. Algo lhe dizia que precisaria de uma chávena de chá por perto antes de abrir o envelope. Na frente estava o logótipo da Evans, a gráfica onde Paul trabalhara.

Seis meses tinham passado bem depressa. Após a morte do marido, ela dormira mal seis noites por semana, mas lentamente, com o passar dos meses, as más noites haviam dado lugar às boas. Na noite anterior, porém, acordara à uma e sete e saltara da cama para aliviar o tremor. Embrulhada no roupão, entrara no quarto de Finn para verificar se ele respirava. Era algo que desistira de fazer quando ele completara dois anos, mas depois de encontrar o pai dele sem respirar naquela brilhante manhã de setembro, nada mais era um dado adquirido. Se ficava deitada na cama, a sua mente começava a vaguear e torturava-se durante horas, perguntando-se porque decidira Paul deixá-la e ao filho quando tinha tanto para viver.



Então fez o que costumava e ligou ao seu amigo David, em Sydney – ele era a única outra pessoa além do cunhado que sabia que Paul havia morrido em circunstâncias tão sombrias. Era seguro dasabafar com alguém que estava longe e que nunca iria contar a ninguém da sua família.

Quando a chamada terminou, foi navegar na internet – o YouTube conseguiu mantê-la ocupada até à onda seguinte de sofrimento, por volta das três e quarenta e cinco. Era hora de voltar para os lençóis, com um rolo de papel higiénico na mão para enxugar as lágrimas, até Finn ter de se levantar para a escola.

O dia corria bem – até ter recebido o correio. Ligou a pequena chaleira de inox e esta gemeu um pouco antes de começar a libertar vapor e desligar-se de novo. Perguntou-se quantas vezes por dia fazia aquilo – a chaleira era sem dúvida o melhor trabalhador da casa. E era sempre chá que Emma gostava de beber. Quente e forte, com uma gota de leite. Paul sabia exatamente como fazê-lo. Era uma das muitas coisas de que sentia a falta dele.

Finn encontrava-se na escola e nunca tinha visto a mãe ficar alterada quando lia o correio. Estava na idade em que preferia a companhia dos amigos. Embora ela percebesse que ele a adorava e era seu feroz protetor, sabia também que não podia impedir o normal progresso nos ritos de passagem de uma criança de nove anos. Em breve iria sentir todas as dificuldades de ser mãe solteira de um adolescente e esperava ser capaz de as enfrentar quando chegasse a hora.

Emma pegou na chaleira e deitou água quente na caneca de porcelana. Puxou uma cadeira, arrastando-a pela tijoleira, e sentou-se. Sem cerimónias, rasgou o envelope e tirou de lá um outro que tinha um logótipo com um pôr do Sol de uma empresa de viagens no canto superior esquerdo. Dobrado dentro deste havia três documentos cuidadosamente datilografados. Um folheto voou para fora do envelope e aterrou em cima da mesa.

Era brilhante e colorido, decorado nas extremidades e com a palavra *CUBA* estampada no topo. Mais publicidade, pensou Emma, quase o atirando para o lixo. Mas, ao invés, desdobrou as outras páginas e deu uma vista de olhos aos documentos. Uma série de palavras-chave chamaram a sua atenção – *obrigado – reservas – bilhetes – em anexo – viagem – restrições – visto*. Ela lia um itinerário de viagem para duas pessoas. Aquelas páginas eram tudo o que era necessário para umas férias de dez dias na soalheira Cuba e a data da partida estava apenas a seis dias de distância.

Emma pestanejou e leu de novo os documentos – desta vez com mais cuidado. Os nomes impressos na parte superior da página eram Mr. P Condell e Mrs. S Owens. Tinham escrito incorretamente a sua inicial. Desejou que dissesse Mr. e Mrs. Condell – ela devia ter mudado o nome no passaporte aquando da renovação depois de Finn nascer –, era um pormenor, mas uma vez que perdera Paul desejava ter o apelido dele em todos os documentos. Nunca importara até àquele momento. A reserva fora feita havia sete meses – apenas alguns dias antes de Paul ser levado para longe dela tão de repente. Pegou no envelope exterior – estava endereçado a Evans Graphics House. Se Paul lhes dissesse que enviasse para o trabalho era porque queria manter aquilo em segredo, para ser uma surpresa – o tipo de atenção ao pormenor que Paul punha em tudo o que fazia. No seu trabalho como *designer* gráfico, ele era mais exigente e preciso do que qualquer dos colegas, e essa era uma característica que deixava Emma doida. Que feliz seria entretanto se pudesse juntar todas as vezes em que ele fora exigente e minucioso e abraçá-lo e às suas doces maneiras, apenas para partilhar mais algum tempo com ele.

Nos últimos anos, Emma desejava muito ir a Cuba para ver La Finca Vigía – a casa de Ernest Hemingway fora de Havana, onde ele passara alguns dos anos mais felizes da sua vida. Que maravilha Paul ter feito aquilo por ela! Mas ele jamais

saberia o que ela sentia sobre aquele lindo presente. Emma foi engolida por emoções que não experimentava desde aquela manhã de setembro, quando o descobrira morto na cama.

De repente o telefone tocou e ela não teve coragem para atender. Tudo o que conseguiu fazer foi segurar a caneca com as duas mãos, enquanto subia as escadas para o conforto da cama, antes de Finn chegar a casa da escola.

Louise ouviu o telefone chamar uma, duas, três vezes antes de passar para o atendedor.

*Olá, ligou para os Condell. Não podemos atender a sua chamada, mas se deixar o nome e número, ligamos-lhe.*

Louise estava familiarizada com o sotaque da Irlanda ocidental da voz do homem. Não tinha sugerido a Emma que tirasse a voz de Paul do atendedor, mas perguntava-se se fazia parte do processo de luto da irmã ou fora apenas um esquecimento. Talvez a irmã não fosse a melhor pessoa a quem ligar – estava demasiado presa à sua própria dor para compreender como Louise se sentia abalada após a curta viagem de comboio.

Desligou o telefone e tentou pensar na tarefa seguinte da sua lista para o dia. Tudo estava a ficar entediante. Deixara de trabalhar após o nascimento do filho mais novo.

Ela e Donal tinham ficado felizes com dois filhos e duplamente emocionados por Molly ser uma menina, por isso, a chegada de Tom, dois anos depois, não fora planeada. Era difícil para Louise trabalhar a tempo inteiro e coordenar um bebé com uma criança de cinco anos que ia começar as aulas. Já tentara dividir o trabalho durante algum tempo, mas finalmente fizera uma interrupção na carreira para ser mãe a tempo inteiro. Porém, no seu novo papel, era difícil encher a cabeça com coisas que alimentassem o seu cérebro. Compras e cozinhar e limpar nunca tinham sido prioridades para Louise – não se adequavam ao estilo de vida de uma música boémia. Porém, já havia muito

tempo que não era tal coisa. A parte boémia da sua personalidade fora gradualmente sufocada pela sala de aulas e o seu papel como professora. Já nem sequer tocava piano.

Jack Duggan. Tinha-se esquecido dele com o passar dos anos, quando os filhos vieram e ela saboreara o papel de mãe, mas vê-lo umas horas antes no comboio levou-a de volta à primeira vez que percebera que estava apaixonada por ele. Não se sentia tão angustiada desde o dia do seu casamento.

Lembrou-se do seu reflexo frente ao grande espelho de moldura de carvalho na casa da mãe.

– Estás linda – dissera Emma, com tanta sinceridade que Louise quase acreditara nela. Mas não se sentira linda e uma lágrima escorrera pelo seu rosto.

Emma tirara um lenço de papel e limpou-a.

– Não se pode estragar a maquilhagem no teu grande dia – dissera, com simpatia.

Louise suspirara de alívio – sabendo que havia alguém que entendia o que ela estava a passar. Perguntou-se se teria sido tão compreensiva para com Emma se a situação fosse a inversa.

Não tivera intenção de ter um caso com Jack Duggan seis meses antes do dia do seu casamento – começara como uma simples atração, bastante comum em qualquer local de trabalho. Mas isso mudara subtilmente numa noite em maio, quando soubera que em breve Jack iria partir e podia nunca mais voltar a vê-lo. Ambos sabiam que o que faziam era errado, mas não conseguiam evitá-lo.

Ela fizera o que estava certo ao deixá-lo ir-se embora. Agira corretamente com Donal, mantendo-se fiel aos seus votos nos últimos catorze anos e dando-lhe três filhos lindos, que eram o centro dos seus mundos. Então porque se sentia tão culpada por ter falado com Jack Duggan no comboio?

Raios, pensou Louise. Tremia por dentro. A cabeça estava tão cheia de imagens de si e Jack a fazer amor que era difícil concentrar-se. O seu estômago contraiu-se quando se lembrou

dos olhos dele – da maneira como ele a olhara, fazendo-a sentir que tocava na sua alma. Se ficasse sozinha até à hora de ir buscar as crianças, daria em doida.

Não havia mais ninguém com quem falar. Talvez Emma estivesse em casa, mas não atendera o telefone. Agarrou na mala e nas chaves do carro e bateu com a porta atrás de si. Felizmente a irmã morava apenas a dez minutos, e ela poderia dar-lhe a incrível notícia antes de ir buscar Tom à escola. Abriu as portas do seu monovolume *Opel Zafira* e deslizou para o assento. O seu coração bateu com força quando pensou em Jack e na maneira como ele sorrira para ela. Sentiu no bolso o cartão de visita que ele lhe dera horas antes. Ele estava vivo e bem, e morava em Dublin – apenas a alguns quilómetros dela. Sentiu-se inundada por emoções e teve de se obrigar a concentrar-se na estrada. Sentia-se tão curiosa por saber mais sobre ele e onde teria passado os anos em que haviam estado separados. Teria mulher? Filhos? Importaria isso? Claro que não – não tinha ela também marido e três filhos? Precisava de falar com Emma rapidamente, ou iria sufocar com os seus pensamentos.

As obras em Howth Road acrescentaram cinco minutos à viagem e ela praguejou durante todos os segundos que demorou a chegar a Sutton.

Emma deixou as cortinas abertas na esperança de que os raios de sol da primavera pudessem aquecer o quarto. Adorava o facto de o seu quarto ter vista para a baía de Dublin e para as grandes chaminés da central eléctrica que assinalavam a entrada do porto. Como pano de fundo, as montanhas de Dublin mudavam de cor várias vezes ao dia e tinham-na ajudado e a Paul a decidir comprar a casa anos antes.

– Mas não é muito cara? – perguntara Emma quando a vira a primeira vez: duzentas mil libras era uma enorme quantia.

– Não tão cara como daqui a dois ou três anos – garantiria Paul, e é claro que tivera razão, como na maioria das coisas. Mesmo com a queda dos preços no mercado imobiliário, a casa era uma pechincha.

Ela sentia falta das suas certezas e do seu faro para prever o que ia acontecer, e do seu controlo das finanças domésticas.

Não era só disso que sentia falta. O cheiro dele na almofada desaparecera embora ela tivesse adiado lavar a roupa da cama enquanto pudera.

De repente a campainha da porta tocou – um toque alto e longo significava que só podia ser uma pessoa. Pelo menos Louise habituara-se a vê-la naquele estado sem se importar. Mas a sua impaciente irmã mais nova tocou de novo, mesmo depois de ter visto o reflexo de Emma através da porta de vidro.

– Louise! – exclamou Emma, com um suspiro. – Entra.

Louise passou por ela, indo direita à cozinha, onde ligou o interruptor da chaleira. Parecia prestes a explodir. Apoiou-se contra a bancada, no meio da cozinha.

– Emma – suspirou ela, passando os dedos pelos longos cabelos castanhos. – Tinha de dizer a alguém... vi-o... hoje, no comboio.

Emma suspirou, porque era típico de Louise esperar que a irmã soubesse instintivamente de quem falava.

– Quem?

– Ao Jack Duggan, é claro!

A firmeza de Louise trouxe um sorriso ao rosto de Emma.

– Pelo amor de Deus, não falamos sobre ele há dez anos, como podia saber a quem te referias?

Louise levantou os braços e abanou os pulsos até as pulseiras começarem a tilintar.

– Quem mais me põe neste estado?

– Ei, já te vi assim quando te cortaram o cabelo mais do que querias!